



Mensagem pelo desaparecimento de Adriana Mascagni

Caríssimos amigos,

depois de uma longa vida, toda ela dedicada a cantar o mistério do coração humano e as maravilhas do Senhor, o Pai chamou a Si a nossa querida Adriana Mascagni.

O seu nome ficará para sempre ligado a uma canção, da qual *don* Giussani falava assim: «É muito significativo que o primeiro Cântico que aconteceu entre nós [...] expresse todo o alcance da pergunta – ou seja, da razão – que nos move; e, por outro lado, já dê a resposta. Tentem pensar no hino do nosso Movimento, naquelas palavras que a Maretta Campi ditou, com a música composta pela Adriana Mascagni: “Povera voce di un uomo che non c’è, la nostra voce se non ha più un perché” (*Pobre a voz de um homem que não existe, A nossa voz, se já não tem um porquê*). Mas “deve gridare, deve implorare che il respiro della vita non abbia fine” (*Tem que gritar, tem que implorar para que o alento da vida não acabe*). [...] Deve-se também “cantare perché la vita c’è” (*cantar porque a vida existe*). A vida existe e esta é a razão imensa, sem comparação com nenhuma outra. “Tutta la vita chiede l’eternità” (*Toda a vida pede a eternidade*). Levantando-nos pela manhã para um dia frenético, para um dia cansativo, ou para um dia livre de combinações especiais, “deve cantar porque a vida existe; toda a vida pede a eternidade”. Toda a vida pede a eternidade. Tentem pensar numa vida que durante quarenta anos pediu a eternidade! “Non può morire, non può finire, la nostra voce che la vita chiede all’amore” (*Não pode morrer, não pode acabar, a nossa vida que pede a vida ao Amor*). Por isso “non è povera voce di un uomo che non c’è: la nostra voce canta con un perché” (*Não é a pobre voz de um homem que não existe, a nossa voz canta com um porquê*)» (*Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, pp. 221-222).

O que tinha acontecido àquela rapariga de 15-16 anos? Tinha tido um determinado encontro que tinha revolucionado a sua vida. Quando estudava no Instituto Vittoria Colonna de Milão, teve como professor de religião *don* Giussani, que recordava assim: «O primeiro impacto foi duro, porque não queria saber de religião. Duro e ao mesmo tempo uma grande novidade; da maneira como tinha vivido a religiosidade até então, era uma novidade. [...] Como era rebelde, chegava sempre pelo menos meia hora depois, porque estava zangada com toda a gente; mas, com o tempo, comecei a ir mais cedo, mas sempre a levantar a mão, para rebater, mas aquilo era sinal da minha pergunta, da minha inquietação». Um dia Giussani levou para a escola um disco de Père Duval: «Tendo eu uma sensibilidade musical, fui imediatamente “apanhada”, e comoveu-me» (*Luigi Giussani: A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 198).

A sua história é um testemunho daquilo de que o Papa Francisco falou no passado dia 15 de outubro: «*Don* Giussani atraía, convencia e convertia os corações porque transmitia aos outros o que trazia dentro de si depois da sua experiência fundamental: a paixão pelo homem e a paixão por Cristo como cumprimento do homem. Muitos jovens começaram a segui-lo».

Hoje podemos dizer sobre ela o mesmo que o Papa disse sobre *don* Giussani: «Intuíra – não apenas com a mente, mas com o coração – que Cristo é o centro unificador de toda a realidade, é a resposta a todas as interrogações humanas, é a realização de todos os desejos de felicidade, bem, amor, e



FRATERNITÀ DI
COMUNIONE E LIBERAZIONE

eternidade presentes no coração humano. A maravilha e o fascínio deste primeiro encontro com Cristo nunca o abandonaram» (Francisco, *Audiência com Comunhão e Libertação*, 15 de outubro de 2022).

Fiel à história gerada por aquele primeiro encontro, Adriana viu florescer desde logo o grande dom que o Senhor lhe concedera e que Giussani “apanhara”: uma voz única, graças à qual nos presenteou com cânticos que expressam os sentimentos do nosso coração como nenhum de nós saberia fazer: *Povera voce, Al mattino, Il mio rosto, Grazie, Signore, Non son sincera...*

Com o tempo, foi educando gerações inteiras de jovens (inclusive conduzindo durante anos o coro da GS) e depois de adultos no canto, que para *don* Giussani era fundamental para viver a fé: «Não há maior expressão dos sentimentos humanos do que a música. Quem não se deixa comover por um concerto de violinos? Como é que se pode ficar indiferente aos cambiantes de uma sonata para piano? Parece o máximo. Mas quando ouço a voz humana... Não sei se também vos acontece, mas é ainda mais, e mais é impossível. Realmente, não existe um serviço à comunidade comparável ao canto. [...] Cinco minutos antes da primeira missa do Movimento nasceu o canto do Movimento. O início do canto do Movimento é o início do Movimento. Não há diferença. Nasce o Movimento e canta-se. Como uma criança com a mãe. Pertence-se e surge o canto» (“Canto: A máxima expressão”, *Litterae Communionis*, n. 40, jul.-ago. 1994). A Adriana testemunhou-nos aquilo que a pertença a Cristo na vida do Movimento pode gerar em quem a vive com simplicidade; e por isso lhe agradecemos agora.

Não deixemos enterrado o seu legado, pois é-nos dado para alguma coisa mais. «A primeira canção do Movimento [...] é, de imediato, a nossa resposta a esta nostalgia que preenche o coração humano. É ainda nítida – nítida, decidida –, tanto quanto ainda não totalmente florescida» (*Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Milão: Bur, 2007, p. 54). Por isso pedimos ao Mistério a mesma disponibilidade de coração da Adriana, de modo a que possa florescer cada vez mais, também em nós, a resposta que tornou grande a nossa amiga.

Confiando-a à misericórdia de Cristo ressuscitado, estamos certos de que o Senhor colocou logo a Adriana na primeira fila do coro celeste, onde poderá continuar a cantar na companhia de *don* Giussani.

Davide Proserpi

Milão, 22 de dezembro de 2022